

# BRASÍLIA TEIMOSA BAIRRO EDUCADOR: CONTRIBUIÇÕES DA EDUCAÇÃO NÃO FORMAL AO PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO DE CRIANÇAS DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Bruno Alison dos Santos<sup>1</sup>  
Eleta de Carvalho Freire<sup>2</sup>

## Resumo

Esta pesquisa tem como tema Brasília Teimosa um bairro educador e objetivou compreender a relação entre educação formal e não formal nas aprendizagens de crianças dos anos iniciais do ensino fundamental nos espaços educativos no bairro de Brasília Teimosa. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, cujos dados foram coletados através de entrevistas com quatro professoras do 4º ano do ensino fundamental de duas escolas da Rede Municipal de Ensino do Recife. Os resultados revelam a importância das ações sociais desenvolvidas pelos centros culturais e esportivos que trabalham em prol da promoção da cidadania, na formação das crianças, que ampliam as aprendizagens escolares, conquistam maior autonomia nas tarefas diárias e desenvolvem experiências de compartilhamento de atividades.

**Palavras chave:** Educação formal. Educação não-formal. Bairro educador.

## Introdução

Essa pesquisa trata sobre Brasília Teimosa<sup>3</sup> como um bairro educador por sua trajetória de luta pela melhoria das condições de vida de seus moradores e, consequentemente pela educação de crianças e jovens. O interesse pelo tema nasceu do envolvimento, pessoal, social e profissional do primeiro autor deste artigo, envolvido com as lutas da população local para garantir o direito à permanência no bairro, assegurando aos seus moradores uma educação com qualidade social.

Desse modo, nascido e criado no bairro de Brasília Teimosa, tive oportunidade de participar ainda criança de um projeto social considerado fundamental para minha

---

<sup>1</sup> Concluinte do curso de Pedagogia em 2018.2 – Centro de Educação/UFPE. [brufpe@gmail.com](mailto:brufpe@gmail.com)

<sup>2</sup> Professora do Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino – Centro de Educação UFPE. [eletafreire.ufpe@gmail.com](mailto:eletafreire.ufpe@gmail.com)

<sup>3</sup> O bairro de Brasília Teimosa está situado na Região Político Administrativa6 (RPA6), Microrregião 6.1, na zona Sul do Recife, entre o bairro do Pina e o Porto do Recife. Sua distância em relação ao Marco Zero é de 2,33 km. De acordo com o censo de 2000, do [IBGE](#), Brasília Teimosa contava com 19.155 habitantes, numa área de 65,4 hectares, o que representa uma densidade de 292,88 habitantes/ha, a mais alta da capital pernambucana. Constitui a mais antiga ocupação urbana do Recife, iniciada em 1947, tendo sido transformada em ZEIS pela Lei Municipal nº 16.176/96.

formação enquanto cidadão. Foi como participante do projeto social CEPOMA (Centro de Educação Popular Mailde Araújo) que aprendi através do batuque e de suas outras manifestações culturais a ler a primeira palavra; MARACATU. Foi no CEPOMA onde despertei para a valorização e o respeito às diferenças individuais de cada sujeito, ou seja, o CEPOMA representou um espaço educacional que proporcionou construções significativas na minha vida e na vida da comunidade como um todo.

Além disso, como estudante de Pedagogia, entendo a educação como um dos pilares fundamentais para o desenvolvimento social, profissional e cultural de um país e considero que a educação se desenvolve em diversos espaços sociais, seja nos espaços formais escolarizados, seja nas práticas sociais comunitárias onde a convivência com o outro é formativa da cidadania.

E é desse contexto de lutas e conquistas que, como morador do bairro, vejo a necessidade de ressignificar essa história de luta pela terra, já que passamos atualmente por um momento de especulação imobiliária no bairro, que aponta para a necessidade de conscientização dos moradores para não venderem suas casas para o empresariado que quer a todo custo nos tirar de Brasília Teimosa mais uma vez.

Dessas lutas e conquistas emerge um sentimento de pertencimento local. E é através desse sentimento de pertencimento que buscamos mobilizar os moradores para refletir sobre a história do nosso bairro e a importância de cada um na construção de uma sociedade a serviço da vida. E também na organização de uma escola de qualidade para todos que ali vivem. Essa luta é, sobretudo pela educação, pois entendemos que é por meio da educação que organizamos um projeto social de vida, podendo contribuir para mudar a realidade de um povo em sua comunidade.

Assim, reconheço que a história de Brasília Teimosa representa uma história de luta pela posse da terra, mas também por educação, tendo em vista que na década de 70 do século passado, havia reivindicações por escolas públicas de nível fundamental para os filhos dos pescadores que ali viviam, como consta no Projeto Teimosinho.

O Projeto Teimosinho propunha, sobretudo a posse da terra, sendo esse o principal motivo das mobilizações populares. Como afirma Teixeira (1979, p. A-9 do Jornal Diário de Pernambuco de 30/08/1979), o Teimosinho foi o “berço das primeiras comunidades organizadas do Brasil”. Foi o primeiro projeto de urbanização do Brasil,

discutido e elaborado pelos movimentos sociais, aprovado e financiado com recursos do BNH – Banco Nacional de Habitação, por meio do Programa PRO-MORADIA.

O referido projeto apresentava uma proposta de urbanização do bairro, datada de 1979, ano em que também foi elaborado o Plano Diretor da Cidade do Recife, que serviu de base aos assentamentos para comunidades de baixa renda. (SILVA, 2017. p. 26). O Teimosinho propunha ainda a instalação de um mercado de peixe para que os pescadores pudessem escoar seus frutos do mar para toda região metropolitana criando estabilidade econômica e política para a população que vivia e ainda vive o drama da especulação imobiliária. Apresentava ideias de trabalhos cooperativos, além da criação de espaços de prestação de serviço.

Além disso, o projeto Teimosinho incluía reivindicações por educação para a comunidade, com vistas a atender à população que não tinha ingressado no ensino por vários motivos, como a falta de acesso por carência de documentação ou por uma grande demanda de crianças e jovens fora da escola. Trazia também entre suas propostas, a construção de creches para os filhos dos pescadores e de escolas populares e profissionalizantes para jovens que não trabalhavam na pesca e necessitavam de desenvolver outras habilidades profissionais.

Desse modo, Brasília Teimosa constitui um bairro referência de luta e resistência, cujo ideal principal foi a luta pelo direito à moradia para os mais pobres e excluídos da sociedade. Desse modo, o bairro de Brasília Teimosa através dessas lutas revelou-se um espaço formativo para as crianças e jovens em seu sentimento de pertencimento social e local e em sua participação cidadã. Foi nessas terras que um grupo de pescadores, primeiros moradores do bairro, travou lutas para permanecer na terra que hoje ocupa.

Há na Brasília Teimosa uma história de rebeldia coletiva e a certeza da transformação social através da organização comunitária. Foram várias as tentativas de grupos empresariais e construtoras para expulsar a população, que resistiu e permaneceu no bairro. No momento mais crítico, o Conselho de Moradores foi catalisador do processo organizativo. Havia um clima empolgante nas assembleias. A Igreja Católica por meio da Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de Olinda e Recife, e o Teatro Teimosinho mobilizavam a comunidade para as reuniões, havia muito idealismo nas pessoas e uma grande necessidade de melhorar as condições de moradia e de educação da população. (SILVA, 2017. p. 09).

Desse processo resultou a organização da comunidade para a conquista de um projeto de urbanização. Através da articulação com os movimentos sociais do Recife, após longo processo de pressões e negociações, no final da década de 1980 foi elaborado um projeto de lei municipal para Uso e Ocupação do Solo, as chamadas Leis de Zoneamento, para a cidade do Recife. Esse projeto previa a regulamentação de Zonas de Especial Interesse Social (ZEIS) e nele foi incluída a Brasília Teimosa. (SILVA, 2017. p. 09).

A primeira escola da comunidade de Brasília Teimosa, segundo afirma seu Salvião um dos primeiros moradores do bairro, foi construída nos anos 1970. Foi a escola de pesca, conhecida como Escola dos Pescadores que, por sua vez, era financiada pela União. Logo depois surgiram as escolas comunitárias e, em paralelo, começava a construção das escolas estaduais e municipais.

Diante do exposto, entendemos que a partir das vivências cotidianas como, por exemplo, da própria história de vida da comunidade, o educador tem no bairro de Brasília Teimosa a oportunidade de aproximar-se de seus alunos, criar vínculos, favorecer às crianças a construção do conhecimento histórico, que toma como base o local em suas relações com outros espaços, conhecer melhor sua realidade para introduzir no currículo saberes da cultura local como a dança, o teatro, a pintura e, em especial, a música que “tem sido, por suas características de ser uma linguagem universal e de atrair a atenção de todas as faixas etárias, o grande espaço de desenvolvimento da educação não-formal”. (GOHN, 2009, p.31).

Ao discutir as dimensões do ensino e da aprendizagem que se desenvolvem na comunidade de Brasília Teimosa através da educação formal e não formal, podemos refletir sobre o modo como se dá a construção do conhecimento e repensar práticas educativas para que possam potencializar na escola e fora dela as aprendizagens de crianças e adolescentes que vivem em comunidades carentes.

Nesse sentido, o objetivo deste artigo buscou compreender a relação entre educação formal e não formal nas aprendizagens de crianças dos anos iniciais do ensino fundamental nos espaços educativos no bairro de Brasília Teimosa. Para isso, buscamos identificar elementos do contexto histórico local e dos processos de luta por educação formal e não formal em Brasília Teimosa; identificar espaços/projetos educativos não formais em funcionamento no bairro e analisar a relação entre

educação formal e não formal expressa nas falas das crianças e das professoras da rede municipal de ensino que concordaram em participar da pesquisa.

A questão central que serviu de guia para a pesquisa foi qual a relação entre a educação formal e a educação não formal nas aprendizagens de crianças dos anos iniciais do ensino fundamental no bairro de Brasília Teimosa? Na tentativa de resposta, buscamos contribuir para que a comunidade acadêmica possa despertar interesse pelo tema, desenvolver pesquisas e estudos incentivando e investindo esforços para que nós profissionais da educação possamos contribuir com os avanços na área educacional dos espaços formais e não formais, especificamente, no campo das aprendizagens e na vida das pessoas em seus bairros e comunidades.

## **1. As referências teóricas da pesquisa**

A construção das referências teóricas desta pesquisa indica a necessidade de compreender, entre outros, o conceito de cidade educadora que se consolidou por ocasião da realização do primeiro Congresso Internacional de Cidades Educadoras, realizado em Barcelona, na Espanha, no início dos anos 1990<sup>4</sup>. O objetivo do encontro foi o de pensar um conjunto de princípios centrados no desenvolvimento dos seus habitantes e sua participação na administração pública, assim prevista no documento, Carta das Cidades Educadoras da declaração de Barcelona.

Buscamos compreender o conceito de cidade educadora por considerar suas aproximações com o que denominamos nesta pesquisa como Bairro Educador, levando em conta a vocação educativa do bairro de Brasília Teimosa, que desde seu nascedouro incorpora a educação para a cidadania política dos seus moradores. Para Gadotti (2006, p.134), a cidadania política implica o “direito de participação numa comunidade política”, contudo o autor argumenta que

com a ampliação dos direitos, nasce também uma concepção mais ampla de cidadania. De um lado, existe uma concepção consumista de cidadania (direito de defesa do consumidor) e, de outro, uma concepção plena, que se manifesta na mobilização da sociedade para a conquista de novos direitos e na participação direta da população na gestão da vida pública (...).

---

<sup>4</sup> Disponível em: <https://cidadeseducadoras.org.br/conceito/>.

Por outro lado, o conceito de cidade educadora supõe a compreensão de outros conceitos, tais como: cidadania, educação formal, educação informal e educação não formal, todos essencialmente envolvidos com as intencionalidades da cidade, ou do bairro que se propõe educador.

### **1.1 Da Cidade Educadora ao Bairro Educador: diálogo entre conceitos e práticas**

Para Gadotti, educadora “é a cidade, como espaço de cultura, educando a escola e todos que circulam em seus espaços, e a escola, como palco do espetáculo da vida, educando a cidade numa troca de saberes e de competências” (2006, p. 134).

Assim, “a cidade educadora é um sistema complexo em constante evolução e pode exprimir-se de diferentes formas, mas dará sempre prioridade absoluta ao investimento cultural e à formação permanente de sua população”<sup>5</sup>. Esse é o conceito de cidade educadora, encontrado na carta das Cidades Educadoras da Declaração de Barcelona<sup>6</sup> de 1990, publicado em 1994. É a este conceito que estaremos nos referindo sempre que nesta pesquisa fizermos uso do conceito de Bairro Educador em referência a Brasília Teimosa.

A concepção de Cidade Educadora remete ao entendimento da cidade como território educativo. Nele, seus diferentes espaços, tempos e atores são compreendidos como agentes pedagógicos, que podem, ao assumirem uma intencionalidade educativa, garantir a perenidade do processo de formação dos indivíduos para além da escola, em diálogo com as diversas oportunidades de ensinar e aprender o que a comunidade oferece. (GADOTTI, 2006).

A prática educadora traz em si a ideia de que todas as vivências individuais e coletivas passam pela educação. Neste sentido, perguntamos o que pode ser considerado um bairro educador? Entendemos que a importância dada à participação é um fator primordial na construção de um Bairro Educador. É através da participação

---

<sup>5</sup>Disponível em: <https://cidadeseducadoras.org.br/conceito/>.

que podemos reconhecer nosso próprio ambiente e atuar como agente transformador na realidade de nosso Bairro.

O Bairro Educador nasce a partir do momento em que acolhe as demandas da comunidade por direitos relativos à sua melhoria, ganhando espaço e conhecimento e se apropriando do que tem no próprio bairro. O Bairro Educador é um espaço educativo onde se pode vislumbrar a ausência de fronteiras sociais e culturais; onde há quebra de paradigmas conservadores, sobretudo neste momento em que a conjuntura política atual no Brasil reage às manifestações multiculturais e ao direito de expressão cultural e religiosa da população com truculência das forças opressoras do Estado que vem amedrontando a população com ameaças de cortes nos direitos conquistados pelo povo dificultando o crescimento social, educativo, e cultural dos cidadãos.

Por isso, atores sociais como conselhos, centros educacionais, grupos esportivos, culturais, escolas – públicas e privadas, a população de modo geral, precisam estar integrados na melhoria do bairro, compreendendo-o como Bairro Educador. Como afirma Gadotti em relação à cidade, “para uma cidade ser considerada educadora, ela precisa promover e desenvolver o protagonismo de todos, crianças, jovens, adultos, idosos na busca de um novo direito, o direito à cidade educadora”. (GADOTTI, 2006, pg.134).

De igual modo, entendemos ser um Bairro Educador aquele que cuida da educação da sua população através do estímulo à participação dos moradores na formulação de um projeto coletivo, de orientação às famílias sobre a educação dos filhos, da educação das crianças em suas necessidades de escola, cultura e lazer.

Neste contexto, Brasília Teimosa traz em sua história uma trajetória antiga de mobilização por garantia de direitos básicos de sua população. Foram muitas as situações de luta e mobilização da comunidade. A primeira forma de resistência foi por permanecer no terreno ocupado na região do Pina, essa luta por moradia e por melhoria das condições das estruturas urbanas, foram as lutas iniciais da população de Brasília Teimosa.

Essa população já no início de sua ocupação tinha um ideal de que aquele espaço se tornasse um bairro e que os direitos de todos fossem respeitados e garantidos como forma de expressão de cidadania. Partindo desse entendimento os centros educacionais e as escolas têm um papel fundamental para a formação cidadã

das crianças, construindo novos valores já que a educação se dá em determinado tempo e espaço do ambiente em que estão inseridas. (GADOTTI, 2005).

Neste sentido, pesquisa realizada por Bianca Ramos, arquiteta e urbanista, e Melissa Pomeroy, mestre em ciência política (2015), revela como um bairro educador surge de parcerias entre centros de formação, conselhos de moradores e programas educacionais ligados a rede de ensino municipal do Rio de Janeiro.

O projeto bairro educador neste caso, conforme citam as autoras, parte de uma experiência concreta da interação dos vários agentes e lideranças das comunidades de Vigário Geral e Parada de Lucas no Rio de Janeiro. Nesse projeto a sociedade civil se organiza para pensar estratégias educacionais para a formação de lideranças, gestão comunitária e preparação de educadores sociais em parceria com o poder público para o desenvolvimento das comunidades que convivem com o tráfico de drogas. Diferente da experiência do bairro educador em Brasília Teimosa, Recife-PE, que foi por meio da luta da população pela terra, por saúde e educação que foi se organizando um projeto de vida social para todos no bairro.

O projeto bairro educador no Rio de Janeiro teve como objetivo desenvolver na comunidade e em vários espaços não formais aprendizagens e habilidades que fortalecessem a comunidade no combate ao uso de drogas por jovens adolescentes vulneráveis do bairro, e que durou um curto período de tempo, apenas quatro anos.

Diferente da comunidade de Vigário Geral e Parada de Lucas, Brasília Teimosa desenvolve ações permanentes de longo prazo, pois entendemos que o bairro educador precisa firmar parcerias já vivenciadas ao longo de sua história integrando os centros sociais, culturais e esportivos que caracterizam uma permanência de ações junto as escolas, o conselho de moradores e todos os desportivos educacionais e pedagógicos dentro do bairro. Segundo Ramos e Pomeroy (2015, p.48), são elementos do bairro educador no Rio de Janeiro:

1. O desenvolvimento do Projeto Escolar de Educação Integral, integrando as opções pedagógicas das escolas e as diversas oportunidades e agentes educativos com ela articulados;
2. A pactuação e a corresponsabilização da comunidade escolar para uma gestão escolar democrática;
3. A criação e manutenção sistemática de processos que garantam a interação entre as famílias e as escolas;
4. A efetiva apropriação do Bairro e da Cidade como espaços, recursos e agentes pedagógicos disponíveis;

Nesse sentido, observamos que no Bairro Educador deve existir cooperação dos atores sociais, integração dos projetos e centros sociais atuantes no bairro com o projeto político pedagógico da escola. Abertura das portas da escola para a comunidade participar das propostas pedagógicas, sobretudo na utilização do espaço escolar para promover atividades culturais, artísticas e esportivas também se mostra fundamental para que todos possam contribuir para que as políticas aconteçam de fato, transformando o bairro em um espaço que estimule a convivência e a participação. A partir das intencionalidades daqueles que assumem o compromisso com a organização dos grupos podemos gerar o sentimento de pertencimento nos moradores para que possam se apropriar e cuidar do bairro em que vivem, fazendo com que a organização coletiva resulte em um Bairro Educador. E como a participação de todos pode mudar a realidade da comunidade.

Nesse sentido, entendemos como Gadotti (2006, p.134) que “muito de sua tarefa educativa implica a nossa posição política e, obviamente, a maneira como exerçamos o poder” na comunidade. Que através de uma experiência de integração, caracterizada como um processo de formação pedagógica onde os agentes mobilizados atuam juntos numa construção com todos do bairro, Centros Educacionais, Projetos Sociais, Grupos Culturais, Igrejas e Associações Esportivas, todos, buscando nos valores e saberes diversos do povo, soluções para enfrentar os problemas do bairro.

A mobilização popular poderá apontar uma direção favorável para a necessidade de políticas públicas (educação, saúde e lazer), as especulações imobiliárias e a posse da terra, a partir da participação política de todos, pensando caminhos para o desenvolvimento social local, cobrando do Estado os direitos previstos na Constituição.

Entendemos ainda que todo bairro possa ser educador, para isso é preciso disposição dos agentes sociais para mobilizar a população para discutir políticas públicas que tragam melhorias de vida para todos do bairro, conhecendo-se e pensando juntos caminhos para o desenvolvimento social, cobrando do estado os direitos previstos na Constituição Federal. Como afirma Gadotti (2006, p.136) em referência à cidade educadora, da qual tomamos de empréstimo o conceito:

A cidade se faz educativa pela necessidade de educar, de aprender, de ensinar, de conhecer, de criar, de sonhar, de imaginar que todos nós, mulheres e homens, impregnamos seus campos, suas montanhas, seus

vales, seus rios, impregnamos suas casas, seus edifícios, deixando em tudo o selo de certo tempo, o estilo, o gosto de certa época.

Nessa perspectiva, o bairro de Brasília Teimosa é um exemplo dessa mobilização, definindo prioridades de diálogo com o poder público, buscando objetivos de reivindicação para sua melhoria. Trata-se de um bairro em que a educação formal dialoga com a educação não formal através do engajamento e das práticas cotidianas de seus moradores.

## **1.2 Educação formal e Educação não formal**

A ideia de Bairro Educador como espaço da participação, do cuidado, da elaboração e vivência de um projeto coletivo de sociedade aponta para um processo educacional amplo, que envolve tanto a educação formal, como a educação não formal. Quando pensamos em educação a imagem que nos vem à mente é a de escola, sala de aula, professores. Um espaço identificado como educação formal, organizada por uma legislação, com uma determinada sequência, estrutura, planos de estudos e papéis bem definidos pela escola para seus sujeitos. Trata-se de um processo vinculado à escolarização.

Já a educação não formal, por não estar atrelada à escolarização, traz uma ideia de oposição ao que forma, ao que é formal, no entanto não é menos importante no processo de aprendizagem do indivíduo. Isso fica bem claro quando Gadotti (2005, p. 02) coloca que:

A educação não-formal é também uma atividade educacional organizada e sistemática, mas levada a efeito fora do sistema formal. Daí também alguns a chamarem impropriamente de “educação informal”. São múltiplos os espaços da educação não-formal. Além das próprias escolas (onde pode ser oferecida educação não-formal) temos as Organizações Não-Governamentais (também definidas em oposição ao governamental), as igrejas, os sindicatos, os partidos, a mídia, as associações de bairros, etc.

Diferente da educação formal, a não formal se caracteriza como um espaço que busca desenvolver um aprendizado para a cidadania e a capacitação para o trabalho. (GADOTTI, 2005). Seguindo essa compreensão, Gohn (2009, p. 31):

A educação não-formal designa um processo com várias dimensões tais como: a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos; a capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades; a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltadas para a solução de problemas coletivos cotidianos; a aprendizagem de conteúdos que possibilitem aos indivíduos fazerem uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor; a educação desenvolvida na mídia e pela mídia, em especial a eletrônica, etc.

Assim, as características de Bairro Educador atribuídas ao Bairro de Brasília Teimosa, por suas experiências de vida e lutas comunitárias indicam que além da educação escolarizada ministrada pelas escolas do bairro, existem experiências de educação extramuros escolares que operam como processos de autoaprendizagem e de aprendizagem coletiva, cuja lógica organizativa é pautada pelas demandas sociais da comunidade. Neste sentido, a educação não-formal é entendida como “toda atividade educacional organizada, sistemática, executada fora do quadro do sistema formal para oferecer tipos selecionados de ensino a determinados subgrupos da população” (LA BELLE, 1982, apud GADOTTI, 2005, p. 2).

Assim, podemos compreender como diferentes espaços, tempos e atores podem ser compreendidos como agentes pedagógicos que buscam, ao assumirem uma intencionalidade educativa, garantir a perenidade do processo de formação dos indivíduos para além da escola, em diálogo com as diversas oportunidades de ensinar e aprender o que o bairro pode oferecer.

Nesse sentido, fazendo a transferência fazendo um deslocamento, anteriormente anunciado, do conceito de cidade educadora tratado pelo autor para o conceito de Bairro Educador, concordamos com Machado (2004, p. 84) para quem “um projecto educativo comum à escola e ao território atribui ao município uma função educadora da cidade com uma centralidade”.

Isso porque, mesmo sendo a escola um espaço institucionalizado, com métodos, normas e formas de controle, nela também se pode encontrar a educação não formal através do convívio, das falas, orientações, direcionamentos, mediações dos vários agentes que nela se encontram como: porteiros, merendeiras, professores, pais, crianças. Assim, sendo a educação um direito de todos, deve ser oferecida em qualquer espaço saudável, que contribua para o desenvolvimento social, cultural e educacional do indivíduo. Entretanto,

A educação não-formal não deve ser vista, em hipótese alguma como algum tipo de proposta contra ou alternativa à educação formal, escolar. Ela não deve ser definida pelo que não é, mas sim pelo o que ela é – um espaço concreto de formação com a aprendizagem de saberes para vida em coletivos. (GOHN, 2009. p.32).

Como aponta a autora, essa relação entre o formal e não formal, implica que ambas as formas de educação se articulem no processo ativador de habilidades do indivíduo e que no bairro de Brasília Teimosa se expressa em alguns dos projetos educativos que ali se desenvolvem e dos quais trataremos na seção referente aos procedimentos metodológicos da pesquisa.

## **2 Os Procedimentos metodológicos da pesquisa**

Com o objetivo de compreender a relação entre educação formal e não formal vivenciada por crianças dos anos iniciais do ensino fundamental nos espaços educativos do bairro de Brasília Teimosa, desenvolvemos uma pesquisa de natureza qualitativa por ser mais apropriada ao tipo de conhecimento que buscamos alcançar. Isso porque, de acordo com Minayo (2007, p.21), “o universo da produção humana que pode ser resumido no mundo das relações, das representações e da intencionalidade e é objeto da pesquisa qualitativa dificilmente pode ser traduzido em números e indicadores quantitativos”.

No que diz respeito aos meios de investigação, optamos pela pesquisa de campo que, de acordo com Vergara, é “investigação empírica realizada no local onde ocorre ou ocorreu um fenômeno ou que dispõe de elementos para explicá-lo. Pode incluir entrevistas, aplicação de questionários, testes e observação participante ou não”. (VERGARA, 2009, p.43).

Neste sentido, Ludke e André (1986, p. 34), afirmam que: “a vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que ela nos permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos”.

Diante do exposto, analisamos a relação entre a educação formal e a educação não formal ministrada às crianças matriculadas nos anos iniciais do ensino fundamental no bairro de Brasília Teimosa, com vistas a identificar traços da educação ministrada na escola, mas também nos centros culturais e demais movimentos desenvolvidos no bairro, para além dos muros da escola.

Assim, para entender como se dão as relações entre a educação formal e a educação não formal na formação de crianças moradoras de um Bairro Educador buscamos os espaços não formais do conhecimento e da aprendizagem localizados no bairro para compreender como se articula o trabalho escolar com esses espaços não formais pensando numa oportunidade pedagógica diferente e enriquecedora para o desenvolvimento de potencialidades dos indivíduos, fazemos um paralelo entre educação formal e não formal.

Inicialmente, procedemos a um levantamento dos projetos sociais desenvolvidos atualmente no bairro de Brasília Teimosa e recortamos dois para efeito desta pesquisa: Turma do Flau (Centro Educacional Profissionalizantes do Flau) e o Centro de Educação Popular Mailde Araújo (CEPOMA).

As informações a respeito dos referidos projetos foram mapeadas a partir das falas de alguns moradores do bairro e de informativos dos projetos que circulam na comunidade.

## **2.1 Projetos educativos em funcionamento no bairro de Brasília Teimosa**

### **2.1.1 Turma do Flau (Centro Educacional Profissionalizante do Flau)**

O Centro Educacional Profissionalizante do Flau constitui um espaço de educação não formal fundado em 1982 pela religiosa Aurieta Xenofonte junto com jovens do bairro, entre eles: Mika Silva, Eliete Santana, Jandir<sup>7</sup>, Jaciara<sup>8</sup>, e José de Arimatéia que, embasados pela teologia da Libertação tinham como objetivo educar para o trabalho.

À época, a religiosa Aurieta Xenofonte, teve a ideia de vender picolé com o intuito de complementar a renda das famílias das crianças que participavam das atividades do centro social. Esse importante trabalho visava suprir as necessidades básicas das famílias. Em grupos pequenos os jovens saíam para vender, em caixas de isopor, picolé de saquinho conhecido no bairro como FLAU, que deu nome ao Centro Educacional. Essa foi umas das formas de enfrentar as desigualdades sociais

---

<sup>7</sup> A ausência do sobrenome de Jandir deve-se à falta de apontamentos nos registros do Centro Educacional Profissionalizante do Flau.

<sup>8</sup> A ausência do sobrenome de Jaciara também deve-se à falta de apontamentos nos registros do Centro Educacional Profissionalizante do Flau.

vividas no bairro à época. Outras formas de enfrentar as dificuldades foram introduzidas no Flau, articuladas com arte educação e cultura tomando como base o método Paulo Freire (1980, p. 39), segundo o qual:

É preciso que a educação esteja – em seu conteúdo, em seus programas e em seus métodos – adaptada ao fim que se persegue: permitir ao homem chegar a ser sujeito, construir-se como pessoa, transformar o mundo, estabelecer com os outros homens, relações de reciprocidade, fazer a cultura e a história.

Em razão do seu trabalho no bairro, através de um amigo do seminário de Olinda, Rudolf Winkelhorst, a Irmã Aurieta foi convidada para ir à Alemanha, onde foi apresentada ao Frei Beda, que propôs uma parceria com a Turma do Flau, passando a contribuir com doações e apoio ao trabalho. Ao longo dessa trajetória a Fundação Aktionskreis Pater Beda, tem acompanhado o crescimento da instituição e, por meio do advento do Estatuto da Criança e Adolescente, passou a atender as crianças com uma educação para a vida, com atividades culturais (música, percussão, capoeira, dança) fundamentadas na educação religiosa.

A turma do Flau tem uma grande representatividade nos fóruns de participação social como: Dom Helder Câmara (Grito dos Excluídos), Fórum dos Direitos e Deveres das Crianças e Adolescentes Municipal e Estadual, Fórum Social da Criança e do Adolescente (FOSCAR), Conselho Pastoral Paroquial e Pastoral da Infância e Juventude.

Hoje são atendidas no Centro Educacional Profissionalizante do Flau 80 (oitenta) crianças e adolescentes do bairro e comunidades vizinhas no contra turno escolar com a participação e o acompanhamento familiar.

### 2.1.2 Centro de Educação Popular Mailde Araújo (CEPOMA)

O CEPOMA foi fundado em 1982, por um grupo de educadores do bairro de Brasília Teimosa. Tendo à frente Luciana Silva e Luciberto Xavier, do grupo de

mamulengo Acorda Povo; Rosa Batista do Grupo Teatro Teimosinho; Roseane<sup>9</sup> professora de educação física; Mailde Araújo do Clube de Mães e União de Mulheres de Brasília Teimosa.

Luciana Silva morava na beira mar e presenciava o alto índice de consumo de drogas dos jovens. Através do mamulengo e do bumba meu boi ela passou a envolvê-los nas atividades culturais e assim se deu o início da participação desses jovens em rodas de conversas sobre a situação em que se encontrava o bairro de Brasília Teimosa. Mas a necessidade maior dos jovens era aprender a ler e a escrever, eles queriam uma escola.

Em reunião com a igreja e com os grupos de jovens da comunidade, do conselho de moradores, do conselho de mulheres, clube de mães, união de mulheres de Brasília Teimosa do qual Mailde Araújo era presidente na época, discutiram como consolidar esse trabalho de alfabetização. Formaram um grupo inicialmente de 25 jovens e começaram ensiná-los a ler e a escrever.

No início o CEPOMA recebeu o nome de Escola Nova da Brasília Teimosa e atendia aos adolescentes de baixa renda das palafitas da beira mar, tendo como proposta desenvolver um trabalho cultural que refletisse sobre a situação a que aqueles adolescentes estavam submetidos.

Com base no método Paulo Freire, esses grupos foram para a comunidade fazer um levantamento da situação econômica de Brasília Teimosa, tomando como base a situação em que os jovens viviam: quem vendia água de coco na praia, quem pescava, quem era empregada doméstica e assim por diante. Esses elementos eram estudados em sala de aula, criando possibilidades para a produção do conhecimento dos alunos (as). Os educadores num processo de construção buscaram alcançar os objetivos, apoiados na afirmação de Paulo Freire de que "(...) ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção" (FREIRE, 2003, p. 47).

Sob a coordenação de Luciana Xavier, a Escola Nova traz para sala de aula em 1987 os batuqueiros e a Yalorixá do Maracatu Encanto do Pina. Maria de Sonia,

---

<sup>9</sup> A ausência do sobrenome de Roseane deveu-se à falta de apontamentos nos registros do Centro de Educação Popular Mailde Araújo (CEPOMA)

foi para sala de aula ensinar a cultura do Maracatu de Baque Virado e sua importância em Pernambuco.

Em 1989 a escola passou a chamar-se Centro de Educação Popular Mailde Araújo – CEPOMA, em homenagem a educadora falecida. A partir de 1993, sob a coordenação de Lademir Silva (Mika), foi fundado o maracatu infantil de baque virado Nação Erê e o grupo de danças populares, denominado Pra Pular.

Em 1996 sob a coordenação de Maria Tenório foi consolidado o Projeto Político Pedagógico do CEPOMA, construído com a participação dos educadores, crianças e adolescentes. Hoje em sua sede própria, o Centro atende atualmente 80 (oitenta) crianças e adolescentes com o projeto de formação de Leitores Brincantes, Pintura, Dança e ainda projetos Leitores em Rede, coordenado por Isamar Martins, articulado com as bibliotecas comunitárias da região metropolitana de Recife. Como afirma Maria Tenório, atual coordenadora do CEPOMA. “uma formação cidadã é importante para você conhecer sua história. Vivenciá-la e praticá-la, é perceber o seu papel na sociedade”.

Esses são dois exemplos de como o bairro de Brasília Teimosa exerce sua vocação educadora e como a educação não formal pode contribuir juntamente com a educação formal ou escolarizada para a formação cidadã dos jovens da Brasília Teimosa. Diante desse mapeamento, partimos para uma nova etapa da pesquisa que incluiu professoras de escolas públicas e alunos dessas escolas participantes de projetos sociais.

Desse modo, um outro ponto de partida para compreender a relação entre educação formal e não formal nas aprendizagens de crianças dos anos iniciais do ensino fundamental de crianças de duas escolas da rede municipal de Recife, situadas no bairro de Brasília Teimosa, foi a realização de entrevistas com quatro professoras de turmas do quarto ano. A razão da escolha por essas duas escolas deveu-se ao fato de atenderem a maior demanda de crianças do bairro.

A participação das professoras na pesquisa se deu por adesão, uma vez que a nossa escolha foi pelo 4º ano do ensino fundamental, em razão de alguns conteúdos trabalhados nesse ano da escolaridade. Ou seja, conteúdos como: A ocupação espacial e o nome da cidade; Recife e seus bairros; Patrimônio histórico da cidade (RECIFE, 2015, p. 238), entre outros, possibilitam às crianças aprenderem sobre suas identidades e se sentirem protagonistas da sua história.

A análise dos dados buscou apoio na análise de conteúdo, proposta por Bardin (1977), por meio da qual se deu a emergência das unidades e categorias de análise, apresentadas a seguir.

### **3 O que revelam as falas das professoras sobre os projetos sociais e suas contribuições ao desenvolvimento das crianças**

As quatro professoras que concordaram em participar da pesquisa possuem formação em nível superior, três são licenciadas em pedagogia e uma tem licenciatura em história. Além disso, duas professoras cursaram magistério de nível médio. Duas docentes têm entre 21 e 30 anos de idade, uma entre 31 e 40 anos, e a outra conta mais de 50 anos. O tempo de atuação das professoras na rede municipal de ensino varia entre cinco e quinze anos.

Ao perguntarmos sobre possíveis contribuições da educação não formal no processo de escolarização de crianças dos anos iniciais do ensino fundamental, a Professora I, coloca que de fato há uma grande relevância das ações dos projetos sociais no bairro de Brasília Teimosa, pois há um trabalho focado na promoção da cidadania do respeito ao outro e do viver bem. Para a docente, a educação não formal dá essa contribuição, sobretudo quando aborda temas relevantes para todos da comunidade, há um espírito de participação e solidariedade que é observado dentro da escola, um senso muito forte de respeito e amizade entre as crianças e de fato isso contribui para o desenvolvimento cognitivo e para as relações fora e dentro da escola, como demonstra a fala da professora.

A maioria participa mais, principalmente quando é assunto não formal, quando tem que associar o assunto com a realidade deles, como por exemplo O Escola Manguê. Quando abordamos assuntos de ciências, eles conseguem associar mais fácil o assunto. Sim, elas são mais participativas nas aulas costumam compartilhar experiências (PROFESSORA I).

A Professora II afirma que os projetos sociais são muito atuantes em Brasília Teimosa e dão uma grande contribuição para o aprendizado das crianças. Argumenta que devido à vulnerabilidade social em que as crianças vivem, os pais enxergam nestes projetos soluções para melhoria do desempenho das crianças na escola, pois nos projetos sociais as crianças conseguem canalizar suas energias com propostas

de atividades variadas feitas e, grupos desenvolvendo a oralidade e possibilitando conhecimentos diversos. Como afirma a professora II:

Eu acho que eles ficam mais interessados, até porque esses programas sociais trabalham muito com a coletividade, por isso eles têm mais desenvoltura, principalmente em apresentações de trabalhos. Nas atividades de apresentação eles se interessam mais do que os outros que não participam de projetos sociais. Sim, ajuda muito no desenvolvimento. São mais autônomas no desenvolvimento das atividades coletivas. (PROFESSORA II).

A Professora III também afirma que a educação não formal tem um papel importante na construção do aprendizado dessas crianças, e os projetos sociais do bairro fazem um trabalho muito significativo na vida de cada um deles, principalmente na relação de conceitos de educação, fica bem claro a identificação de alguns valores na vida dessas crianças, a noção de cultura é bem viva são muito esclarecidos e sabem conviver melhor com o outro. Segundo a professora:

elas são mais ativas na oralidade. Opinam, questionam, sugerem, criticam e também conciliam situações. A escola ainda se preocupa muito com o conteúdo (saber ler e escrever) e deixa a desejar o quesito “relação”. No projeto social “enxergam o outro” é fundante; isso desenvolve valores, sensibiliza e norteia uma postura solidária e cidadã. (PROFESSORA III).

De acordo com a professora IV, em virtude da participação das crianças em projetos sociais no bairro de Brasília Teimosa, é possível observar que há contribuições relevantes, alguns ainda têm dificuldades de se relacionar, mas nos trabalhos cooperativos eles vêm conseguindo superar essas questões, nas atividades escolares ligadas a temas não formais, há um forte entendimento e elas conseguem associar os assuntos vistos em sala de aula com sua realidade facilitando a compreensão e o aprendizado em geral. De modo que a professora IV coloca que:

Normalmente as crianças que participam de algum projeto possuem alguma dificuldade seja ela cognitiva ou de relacionamento. Por isso as vezes ainda persiste algumas dificuldades de comportamento e relacionamento. As crianças que participam do projeto têm mais facilidade em compartilhar de atividades em grupo. (PROFESSORA IV).

Observamos que o trabalho coletivo está bem vivo nas falas das professoras, sobretudo quando relacionado ao aprendizado das crianças. A vivência com o outro se expressa através do respeito para com o próximo, a partir de um trabalho que se conecta com a educação formal dentro da escola. Neste sentido, entendemos em

concordância com Gohn (2009, p. 32) que a educação não formal constitui “um espaço concreto de formação com a aprendizagem de saberes para a vida em coletivos”. Assim certamente estaremos fazendo algo em prol do coletivo, por se tratar de uma maneira de se aprender a dividir tarefas e a lutar por algo que desejamos, com autonomia podendo colaborar para que o bairro possa ser um bairro melhor.

A identificação de valores destacada também pelas docentes vai ao encontro dos princípios pautados em atitudes de solidariedade encontradas no comportamento das crianças participantes de projetos sociais, traduzido em comportamentos concretos da vida na escola. Para a professora IV

Sempre há alguma melhora nos seus comportamentos. Elas melhoram principalmente nas atividades coletivas aprendem a respeitar os comandos e as regras. (PROFESSORA IV).

As docentes também reforçam o aperfeiçoamento das habilidades desenvolvidas pelas crianças através das atividades escolares que vão ao mesmo tempo formando valores necessários à vida em sociedade, com vista ao exercício da cidadania plena e construtiva. Assim, a aprendizagem em relação ao bem comum proporciona também atitudes de afeto entre os participantes dos projetos sociais e na escola como um todo o desenvolvimento dessas habilidades ajudam na construção de um num mundo melhor.

Por outro lado, existe uma preocupação em relação à participação das famílias dessas crianças no espaço escolar, pois segundo uma das professoras é preciso que a parceria seja feita com os projetos sociais, escola e família para que aprendizagens possam de fato se concretizar no comportamento, nas atitudes das crianças construindo seu conhecimento na interação com as pessoas, objetos e com o meio em que vivem. Neste sentido a professora III diz:

É relativo, não é tão grande não, depende muito dos três pontos; ESCOLA, PROJETO SOCIAL E FAMÍLIA, se não tiver as três coisas não funciona, porque a escola em si é conteúdo, projeto social trabalha as questões culturais do desenvolvimento da criança, mas se não tiver a família pra dar o suporte a essas duas, as coisas não acontecem não, é bem relativo. (PROFESSORA III).

Um dos grandes objetivos da educação seja ela no espaço formal ou não formal é desenvolver a autonomia da criança, oferecendo-lhes oportunidades de escolhas

nas tomadas de decisões e favorecendo sua independência na realização das diversas ações do dia a dia. Nesse sentido, como professores cabe-nos o papel de organizar, sistematizar e conduzir as situações de aprendizagem, com parcerias que possam fortalecer a construção de sua autonomia.

Com relação as aprendizagens dos conteúdos escolares as professoras relatam que de fato há um desenvolvimento das crianças, nos aspectos culturais e no trabalho coletivo, pois as crianças conseguem relacionar o aprendizado obtido na vida social dentro e fora da escola. Para uma das professoras a contribuição dos projetos é relativa e não se faz perceber de forma imediata, por que:

A diferença é relativa. Por serem mais ativos e perceptivos, eles conseguem enxergar mais rapidamente, porém, não gera uma aprendizagem imediata. Ajuda no processo. (PROFESSORA III).

As professoras consideram que as crianças conseguem ser mais autônomas nas atividades coletivas demonstram uma grande amizade pelos colegas e contribuem com as atividades na escola com muita presteza. A professora I coloca que:

Eu acho que o principal é o autoconhecimento, eu acho que as crianças que participam desses projetos tem o conhecimento de si e do outro, e mais, sabem o que podem e o que não podem, se conseguem ou se não conseguem. Acho que esses projetos trabalham muito isso com eles. Os que gostam de Capoeira tendem a jogar Capoeira, os que gostam de Dança tendem a Dançar, não é só ter outros dotes é ter autoconhecimento e aprendem a respeitar as diferenças eles conseguem interpretar. Eu não sei muito de artes, mas a arte facilita a interpretação em todas as disciplinas. Eles podem não escrever bem, mas pela interpretação eles chegam às respostas corretas. (PROFESSORA I).

Para outras professoras, as crianças desenvolvem entre outras, a habilidade da oralidade, e mesmo sem o domínio da leitura, conseguem se expressar bem e alcançam rendimento. Segundo as professoras, II e III

Regular, não são tão altas não, tem alguns, mas é como falei, a questão do tripé família, escola e projeto social. Mas a média são boas mesmo que ainda não saibam ler ou falar eles conseguem se expressar muito bem por conta do trabalho dos projetos sociais. (PROFESSORA III)

Olhe, como eu falei a oralidade eu tenho uma aluna que não consegue escrever corretamente, mas ela consegue compreender e interpretar, explica muito bem. Eles conseguem se expressar muito bem por conta do trabalho dos projetos sociais. (PROFESSORA II).

Assim, segundo falas das professoras a partir do momento em que as crianças interagem na escola e nos projetos sociais elas passam a se conhecer melhor e a respeitar o outro, essa interação através dos trabalhos coletivos vivenciado nos projetos sociais vai também para dentro da escola e termina por contagiar os outros alunos que não participam de projetos sociais. Essa relação potencializa as aprendizagens de todos como explica VIGOTSKY<sup>10</sup> com sua teoria da construção de zonas de desenvolvimento proximal que segundo o autor o desenvolvimento cognitivo de uma pessoa se dá por meio da interação social, ou seja, da interação com outras crianças no espaço escolar e nos centros sociais em que participam interiorizando os conhecimentos adquiridos e compartilhando com os outros.

As professoras expressam a necessidade de ampliação da oferta de atendimento às crianças pelos projetos sociais em desenvolvimento no bairro como forma de contribuição das aprendizagens escolares e extraescolares, como revelam essas falas.

Acho que se os projetos sociais fossem maiores e pudessem obter mais crianças eu acredito que seria melhor para o desenvolvimento delas, até pra ter conhecimento de mundo, pra saber onde estão, onde moram, pra onde vão, pra querer ir, porque o que eu vejo é que as crianças só conhecem a Brasília Teimosa. Acho que esses projetos dão abertura para um novo mundo eles conseguem mostrar que existem possibilidades sim, não só o A, B, C, D, que é importante, mas também pode expor seu conhecimento de outra forma. Por exemplo: na Dança, na Capoeira, na Música. E eu acho que o principal é o autoconhecimento principalmente com a cultura, conhecimentos pra Vida como Ser Humano, para eles saberem suas origens porque muitos não se aceitam negros, e eu sempre trabalho isso com eles, e os projetos sociais viriam mais pra reforçar isso aí neles. Eu sinto falta disso. (PROFESSORA 1).

Como já vem fazendo, que já é uma grande ajuda infelizmente a gente não tem uma maior quantidade de vagas que o ideal seria que todos os alunos estivessem aqui e lá seria importante para socialização deles então isso é necessário essas parcerias é ideal, e pra aprendizagem, apoiando, orientando. Agente tem alunos que levam as tarefas porque tem no projeto social alguém que ajuda nas tarefas deles. (PROFESSORA 2).

Do exposto, podemos deduzir que a vocação de Bairro Educador, observada no bairro de Brasília Teimosa, tem nos projetos sociais o seu ponto forte, pois é nesses espaços que as crianças ampliam as aprendizagens escolares, conquistam maior

---

<sup>10</sup> Conceito elaborado por Lev Vygotsky. Zona de Aprendizagem Proximal (1896 – 1934).  
<https://novaescola.org.br/conteudo/1972/vygotsky-e-o-conceito-de-zona-de-desenvolvimento-proximal>

autonomia nas tarefas diárias e desenvolvem experiências de compartilhamento de atividades cotidianas.

### **Considerações finais**

Partimos do entendimento de que a educação não formal corresponde as iniciativas das organizações não governamentais, centros sociais, associações, conselhos de moradores e clubes esportivos, provedores de uma educação participativa, democrática e cidadã, buscando através de variados métodos contribuir para a ampliação dos conhecimentos e de novas habilidades das crianças, Muitas vezes emanada da educação sociocultural, artística e esportiva fora do sistema de ensino formal, a educação não formal contribui para o desenvolvimento do bem-estar, do bem viver, do bem-fazer, que potencializam valores e norteiam o desenvolvimento do indivíduo nas suas características afetivas ligadas aos costumes do povo do bairro em que moram.

Analisando os resultados, conseguimos observar nas falas das professoras o quanto é fundamental a existência dos espaços não formais e sua parceria com as escolas do bairro de Brasília Teimosa. Nessa pesquisa destacou-se a importância das ações sociais feitas pelos centros culturais e esportivos que trabalham em prol da promoção da cidadania, na formação dos educadores, multiplicadores, valorizando sua experiência de vida e sua identidade cultural.

Os centros sociais atuantes em Brasília Teimosa vêm contribuindo no processo de aprendizagens através da participação mais ativa das crianças e de sua autonomia nas atividades pedagógicas da escola, compreendendo melhor os conteúdos abordados em sala de aula, ampliando o conhecimento e contextualizando com sua vida pessoal e social no bairro.

Assim entendemos que esse processo de troca de conhecimento e experiência potencializa os espaços formais e não formais, construindo parcerias para pensar estratégias que possam de fato consolidar as aprendizagens do conhecimento nos estudantes de escola pública de Brasília Teimosa.

Nesse sentido, trata-se de uma educação que forma indivíduos para o bem social comum, que faz de sua práxis, como sugere Paulo Freire, práticas da ação e

reflexão vivenciadas dentro e fora da escola compondo os espaços educativos do bairro, conscientizando a sociedade civil das suas responsabilidades na família, na comunidade, no espaço escolar e em todas as dimensões. Assim, a educação contribui para que possamos dá passos largos para uma educação de qualidade atendendo nossas expectativas e nossos ideais.

Certamente dada a oportunidade de buscar resultados mais concretos, nós educadores sociais, culturais, professores, universitários, todos da comunidade acadêmica e escolar, poderemos jogar a rede em águas mais profundas para pensar possibilidades que venham a agregar valor ao trabalho de sustentabilidade da educação que se encontra cada vez mais sucateada em nosso país.

Por fim, o bairro educador ele é plural, diverso, lugar onde todas as pessoas que o compõe têm uma grande responsabilidade na participação, na formação dos seus moradores, no desenvolvimento de uma sociedade transformadora produtora de mudanças que luta pelo bem comum, que constrói dentro de si o sentimento de pertencimento se apropriando dos espaços de discussões e decisões dentro do bairro em que vivem.

### **Referências**

ARAGON, Camila (coord.). Práticas e Aprendizagens – Um Relato de Experiências do Projeto Bairro Educador. Rio de Janeiro: CIEDS/ Programa Escolas do Amanhã, 2013, p. 23.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BRASIL. Resolução CNE/CEB Nº 2, DE 7 DE ABRIL DE 1998. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rceb02\\_98.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rceb02_98.pdf). Acesso em 03 de novembro de 2018.

FREIRE, Paulo. *Conscientização: teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. 4. ed. São Paulo: Moraes, 1980.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia - saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

GADOTTI, Moacir. A escola na cidade que educa. Caderno Cenpec, 2006, n.1. Disponível em <http://cadernos.cenpec.org.br/cadernos/index.php/cadernos/article/view/160>. Acesso em 03 de novembro de 2018.

GADOTTI, Moacir. A questão da educação formal/não-formal. Sion, Suisse: Institut International des Droits de l'enfant (IDE), 2005. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_nlinks&ref=000175&pid=S0021-7557201100050000400046&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000175&pid=S0021-7557201100050000400046&lng=pt). Acesso em: 03 de novembro de 2018.

GONH. Maria da Glória. Educação não-formal, educador(a) social e projetos sociais de inclusão social. *Meta: Avaliação*. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 28-43, jan./abr. 2009. Disponível em: <http://revistas.cesgranrio.org.br/index.php/metaavaliacao/article/download/1/5> . Acesso em 03 de novembro de 2018.

GRZYBOWSKI, Lurdes e DUBEUX, Cristina. Brasília Teimosa: Projeto Escola Z1 / Coordenado por responsabilidade de Ana Dourado. – Recife: Liber,1986. 86 p:Il.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MACHADO, Joaquim. Cidade educadora e administração local da educação na cidade de Braga. *Vº Congresso Português de Sociologia Sociedades Contemporâneas: Reflexividade e Acção. Atelier: Cidades, Campos e Territórios*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Portugal: 2004, p. Disponível em [http://www.academia.edu/6368678/Actas\\_dos\\_ateliers\\_do\\_Vo\\_Congresso\\_Portugu%C3%AAs\\_de\\_Sociologia](http://www.academia.edu/6368678/Actas_dos_ateliers_do_Vo_Congresso_Portugu%C3%AAs_de_Sociologia). Acesso: 15 de outubro de 2018.

MINAYO, Maria Cecília. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. (Org.). 25 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

RAMOS, Bianca; POMEROY, Melissa. Bairro educador no Rio de Janeiro. In: SINGER, Helena. (Org.). *Territórios educativos: experiências em diálogo com o Bairro-Escola*. São Paulo : Moderna, 2015.

RECIFE. Lei Municipal nº 16.176/96 de 09 de abril de 1996. Estabelece a lei de uso e ocupação do solo da cidade do Recife. Disponível em: <http://www.leismunicipais.com.br/> Acesso em: 03 de novembro de 2018.

RECIFE. Lei Ordinária 16113/1995 de 06 de novembro de 1995. Dispõe sobre o plano de regularização das zonas especiais de interesse social prezeis e dá outras providências. Disponível em: <http://www.leismunicipais.com.br/> Acesso em: 03 de novembro de 2018.

REDE BRASILEIRA DAS CIDADES EDUCADORAS. Carta das cidades educadoras. Caderno Cenpec, 2006, n.1, p.156-161. Disponível em: <http://cadernos.cenpec.org.br/cadernos/index.php/cadernos/article/view/160>. Acesso em 03 de novembro de 2018.

SILVA, Osvaldo. *História de Brasília Teimosa/ Pereira da*. Recife: Centro educacional Profissionalizante do Flau, 2017.

Teixeira (1979, p. A-9 do Jornal Diário de Pernambuco de 30/08/1979)

VERGARA, Sylvia Constant. *Projetos e relatórios de pesquisa em administração*. 10. Ed. São Paulo: Atlas, 2009.  
<http://cadernos.cenpec.org.br/cadernos/index.php/cadernos/issue/view/9>